

Reflexões

Padre Nicolás Schwizer

Nº 142 – março de 2013

O duplo amor

Toda nossa vida, quando é realmente cristã, está orientada para o amor: o amor a Deus e o amor ao próximo. Só o amor faz grande e fecunda nossa existência e nos garante a salvação eterna.

Para os judeus, o primeiro mandamento superava infinitamente o segundo e se praticava separado deste. Tinham um sentimento muito profundo da transcendência de Deus e de seus direitos. Jesus Cristo não nega o primeiro mandamento, mas inquieta e rebela seus correligionários pela forma como o cumpre: servindo ao homem.

E se perguntamos a um cristão comum: Qual é o grande mandamento de Cristo, seu mandamento novo? Não nos responderá: o amor a Deus. Mas sim nos dirá: “ama a teu próximo como a ti mesmo”. Entretanto, esse mandamento não tem nada de novo; já se encontrava no Antigo Testamento.

O que é, então, a novidade que Jesus imprime a estes antigos mandamentos? O novo é que Cristo uniu inseparavelmente estes dois mandamentos: O amor verdadeiro a Deus é um amor verdadeiro ao homem. E todo amor autêntico ao homem é um amor autêntico a Deus.

Esta é a grande novidade da Encarnação. Já não estamos divididos entre dois amores. Já não temos porque tirar do homem um pouco de nosso tempo, de nosso dinheiro, de nosso coração, para dar a Deus.

Deus não é um rival do homem: Tudo o que é feito ao menor dos homens, é feito a Deus mesmo. Pela Encarnação, Deus se fez homem, Deus se solidarizou com todos os homens; Deus e o homem são inseparáveis. A novidade do Evangelho é a divinização do homem e a humanização de Deus.

Significa: a oração, a adoração, o serviço a Deus não têm nenhum valor se não expressam e alimentam uma caridade autêntica, é dizer, um serviço prático e direto ao homem. O sinal que nos fará ser reconhecidos como discípulos de Cristo, é que amamos a nossos irmãos.

O que acontece é que o amor a Deus separado do amor ao homem pode causar muitas ilusões. Pode-se crer em Deus e não amar aos homens, como o sacerdote e o levita da parábola do Bom Samaritano. Ou como os fariseus que acreditavam servir a Deus quando crucificaram a Jesus.

Recordemos também aquela palavra de São João: *“Se alguém disser: Amo a Deus, mas odeia seu irmão, é mentiroso. Porque aquele que não ama seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê”*. (1 Jo 4,20).

O juízo final não se fundamentará na quantidade de nossas comunhões, de nossas missas dominicais, de nossas práticas religiosas, mas em nossa conduta para com os irmãos. Não seremos interrogados sobre o que fizemos frente a Deus, mas sobre o que fizemos frente aos demais.

Santo Agostinho, numa de suas epístolas, fala: *“A caridade fraterna é a única que distingue os filhos de Deus dos filhos do diabo”*. Todos podem fazer o sinal da cruz, responder amém, batizar-se, entrar na igreja, edificar templos. Mas os filhos de Deus só se distinguem dos do diabo pela caridade. Podes ter tudo o que queiras; *“se te falta o amor, de nada te vale tudo mais”*.

Os primeiros cristãos se chamavam simplesmente irmãos. Tinham um só coração e uma só alma. Até os pagãos exclamavam: *“Mirem, como se amam”*. É o maior elogio que se pode fazer a uma comunidade cristã.

Mas não sei se os pagãos de hoje poderiam dizer o mesmo de todos os cristãos. Entretanto, o milagre que necessita nosso tempo, o milagre para o qual nosso mundo está aberto, é o milagre do amor e da fraternidade dos cristãos.

Perguntas para a reflexão

1. Nossa comunidade é fraterna?
2. Estes conceitos são válidos no mundo de hoje?
3. O que posso fazer pelos outros?

Se desejar subscrever, comentar o texto ou dar seu testemunho escreva para: pn.reflexiones@gmail.com